

Associação dos Artesãos de Novo Airão

Nova cartografia social da Amazônia

Mulheres do arumã do Baixo Rio Negro Amazonas

12



ASSOCIAÇÃO DOS ARTESÃOS DE NOVO AIRÃO

Diretoria eleita em novembro de 2005

Presidente

Maria Erinildes Silva Oliveira

Vice-Presidente

Maria Derli Clemente dos Santos

Tesoureira

Sônia Clemente Martins

Vice-Tesoureira

Sebastiana Fragoso de Souza

Secretário

Alcione Freitas dos Santos

Vice-Secretária

Antônia Batista

Conselho Fiscal

Carlito Freitas dos Santos

Francisco Alberto Augusto da Silva

Maria Francisca Leite Cardoso da Silva

Responsável pela Loja e Depósito da AANA

Eliane Clemente dos Santos

Coordenadoras do Manejo de Arumã

Elzilene Barbosa da Silva

Nelizângela de Sena Teixeira

Grupo de Coletores do Manejo do Arumã

Carlito Freitas dos Santos

Francisco Alberto Augusto da Silva

Rubem Freitas dos Santos Filho

Instituições parceiras

Associação de Pescadores de Novo Airão – APNA

Município de Novo Airão AM

Baixo Rio Negro

Sindicato de Trabalhadores Rurais de Novo Airão

Município de Novo Airão AM

Baixo Rio Negro

Associação da Comunidade do Sobrado – APACS

Município de Novo Airão AM

Baixo Rio Negro

Associação Indígena de Barcelos – ASIBA

Município de Barcelos AM

Médio Rio Negro

Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia
Série: Movimentos sociais, identidade coletiva e conflitos

FASCÍCULO 12

Mulheres do arumã do Baixo Rio Negro

Manaus, março de 2006

Projeto editorial

Alfredo Wagner Berno de Almeida

(PPGSCA-UFAM, FAPEAM-CNPq)

Equipe da pesquisa

Erika Matsuno Nakazono

Franklin Plessmann de Carvalho

Edição

Erika Matsuno Nakazono

Cartografia e mapas

Marcelo Paustein Moreira

Erika Matsuno Nakazono

Fotos

Erika Matsuno Nakazono

Projeto gráfico e editoração

Design Casa 8

www.designcasa8.com.br



*Touceiras de Arumã no igarapé do Dinheiro –
Comunidade do Sobrado*

O que é ser artesã?



Artesãs e artesãos da AANA com seus filhos durante a realização da oficina de mapas

Ser artesã é ser artista, fazendo o que sai da nossa cabeça virar arte. É ser criativa, gostar de inventar, aprender coisa nova. É gostar do que faz, ajuda na renda da casa e é como uma terapia, a vida tá cheia de problemas e tecendo você esquece.

Quis aprender a fazer teçumes para ter meu dinheiro e poder ter minhas coisas. É um meio bom de se ganhar um trocado, ainda mais aqui que não tem muito trabalho.

Tem que se dedicar, trabalhar. Quanto mais se dedica mais se aprende e temos obrigação de passar para outros o que aprendemos.

Já ensinei todos os meus filhos, criei eles sendo artesã, e até hoje crio eles no colégio com a renda do artesanato.

O trabalho do coletor é muito importante pois sem coletor não podemos trabalhar. É um meio de preservar a natureza, manejar a natureza.

As artesãs confiam no nosso trabalho para garantir sempre a entrega do arumã. O manejo ninguém sabia o que era, fui aprendendo que não era o que fazíamos antes, pois não tinha controle.

As pessoas daqui nos ignoram, não dão valor, tem preconceito. Carregar feixe de arumã, é motivo de crítica para os outros. Nós não ligamos mais, mas muitos se escondem e não assumem que são artesãos. Mas quando viajamos somos muito elogiadas.

O artesanato é uma arte, um aprendizado, uma forma de renda, de vida, e também uma forma de passar a arte indígena para outras pessoas.

Nomes das artesãs do arumã que participaram da oficina de mapas em 15 de janeiro de 2006: Alberta Clemente de Souza, Amélia Vicente Neres, Eliane Clemente dos Santos, Maria Derli Clemente dos Santos, Maria Erinildes Silva Oliveira, Maria Francisca Leite Cardoso da Silva, Nelizângela de Sena Teixeira, Sônia Clemente Martins, Suzana Anhape Bezerra.

Nomes dos artesãos e coletores de arumã que participaram da referida oficina: Alcione Freitas dos Santos, Carlito Freitas dos Santos, Francisco Alberto Augusto da Silva, Manoel Marcelino Oliveira.



*Carlito Freitas dos Santos
coletando arumã*

*Suzana, ao fundo, e Raimunda,
no meio, tecendo tupé juntamente
com suas netas.*

O que é a AANA

Eu tecia há muito tempo mas só descobri que era artesã quando entrei na associação.

Suzana Anhape Bezerra

É uma forma de união, onde nos reunimos para produzir e discutir os assuntos. Se não tivéssemos esta casa estaríamos espalhados e as coisas não iriam adiante.

Alcione Freitas dos Santos

A Associação dos Artesãos de Novo Airão (AANA) foi fundada em 1996 por iniciativa da Organização Não Governamental Fundação Vitória Amazônica (FVA) e através da reunião de famílias, que em sua maioria, vieram do interior e que residiam há pouco tempo na sede do município.

Estas famílias viviam do roçado, das casas de farinha, pesca, caça, extração de madeira e de outros produtos da floresta, e em razão da instabilidade econômica vendiam sua força de trabalho para os chamados “patrões” como forma de garantir sua sobrevivência.

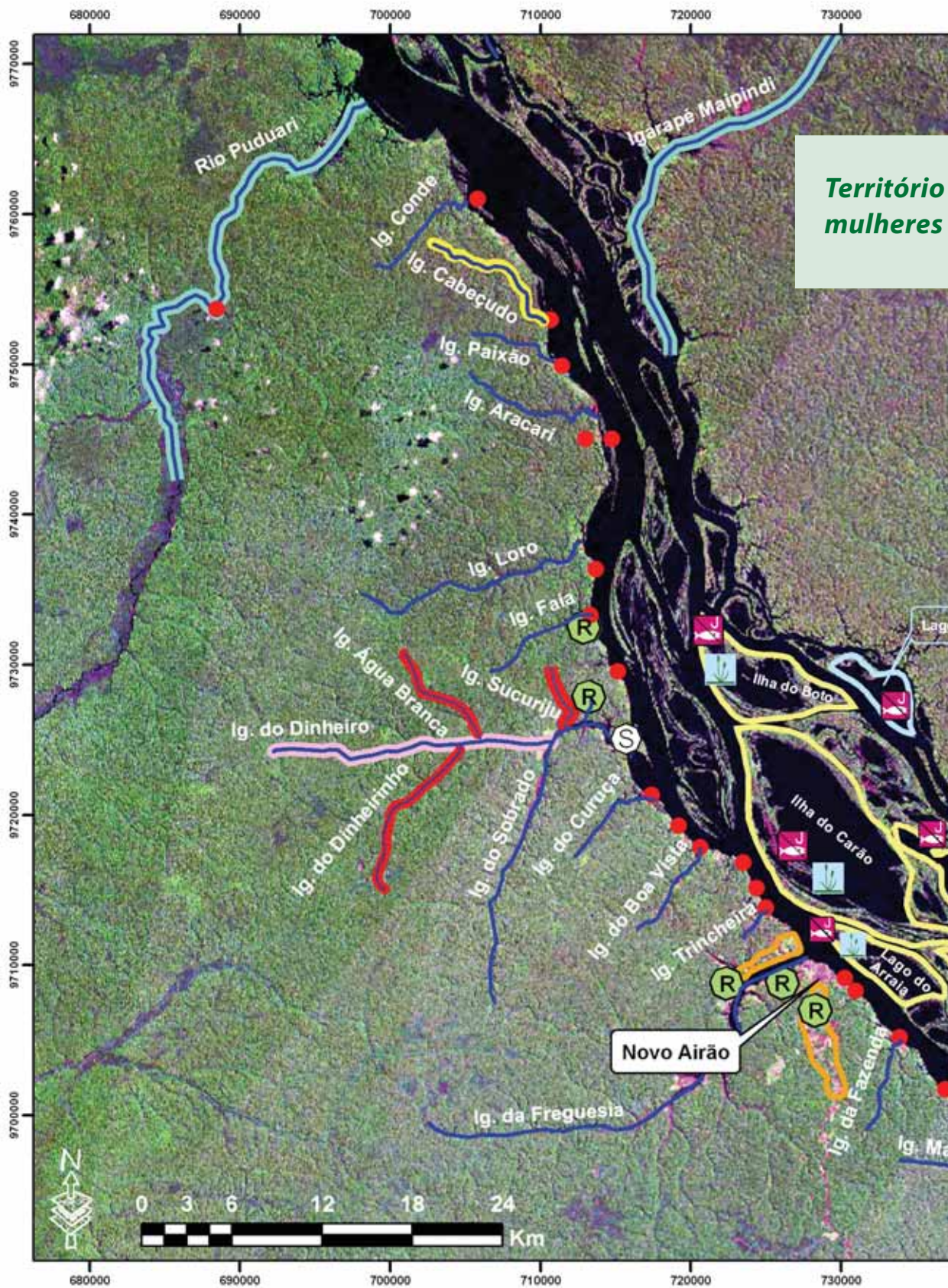
O artesanato, que em princípio fornecia utensílios domésticos, passa a ser uma fonte de renda interessante, que se potencializa com a criação da associação e uma maior organização na comercialização dos produtos. Essa renda propiciou certa estabilidade às famílias que deixaram de vender sua mão de obra e passaram a se dedicar mais intensamente ao artesanato, à pesca e ao roçado de forma independente do patrão.

Grande parte dos produtos de artesanatos da região do baixo e médio Rio Negro são constituídos de fibras vegetais como o Arumã Membeca, Arumã Canela, Arumãs de Terra Firme, o Cipó Ambé, o Curauá, a Jacitara, e o Tucumã. Na pintura são utilizados os pigmentos da resina da Goiaba de Anta, o Urucum, o Ingá Xixica, o Crajiru, a Castanheira, o Macucuí, o Cumati, Pacuá-catinga, Tintarana, Açafraão.

O principal produto da AANA é o **tupé**, um tapete confeccionado com a fibra do Arumã¹ através da constituição de diferentes tipos de tramas e tamanhos. Os tupés são muito procurados por turistas e lojas de Manaus, Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo. Também tecem jogos de mesa, peneiras, balaios, luminárias, urutu, tipiti, panheiro, pega-moça, chapéu, abano, leque.

No ano de 2000 a AANA formou um grupo de coletores para elaborar a implementação de um sistema de manejo do arumã em áreas de igarapés próximos de Novo Airão. Esse processo de construção das formas de manejo a serem adotadas teve o apoio

1 Espécie *Ischnosiphon polyphyllus*, Marantaceae. Esta espécie de arumã, chamada de arumã membeca, não é utilizada no Alto Rio Negro.

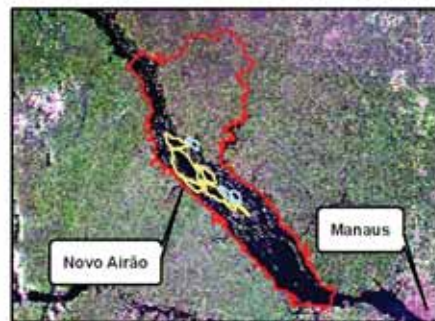


**Território
mulheres**

Novo Airão



tradicionalmente ocupado pelas do arumã no Baixo Rio Negro



20 0 60 Km



Estação Ecológica de Anavilhanas

-  Locais proibidos pelo IBAMA para coleta de arumã
-  Igarapés utilizados pela AANA para o manejo do arumã
-  Igarapé utilizado pela AANA para o manejo do arumã e caça
-  Local com potencial para o manejo do arumã
-  Locais de coleta de casca da goiaba-de-anta, cuja resina é usada para tinturas
-  Igarapés sem potencial para o manejo do arumã
-  Locais de caça identificados pelos maridos e filhos das artesãs
-  Locais autorizados de pesca identificados pelos maridos e filhos das artesãs para consumo familiar
-  Roçados das artesãs
-  Comunidade do Sobrado

Escala **1:385.000**

Projeção UTM - Zona 20 - Datum WGS 84

Imagem Landsat (RGB - 1990)
<https://zulu.ssc.nasa.gov/mrsid/>

Apoio:



Mapa elaborado pelo Núcleo de Geoprocessamento
 Fundação Vitória Amazônica

técnico de uma Bióloga e da Fundação Vitória Amazônica. Após três anos, em 2003, a AANA conseguiu a autorização do IPAAM e do IBAMA² para realizar o manejo da espécie de arumã, *Ischnosiphon polyphyllus*, nos igarapés da Comunidade do Sobrado.

A valorização do artesanato estimulou outras organizações a se aproximarem da AANA para aprender suas técnicas de produção e comercialização. Destas a Associação Indígena de Barcelos (ASIBA) e a Associação dos Artesãos do Rio Jauperi (AAJR) se destacam.

A AANA se aproximou de outros grupos organizados de Novo Airão e junto com esses formaram uma rede de associações – Maquira-RONA: AANA, Sindicato de Trabalhadores Rurais, a Associação de Pescadores de Novo Airão (APNA), a comunidade Bom Jesus do Puduari e a comunidade do Aracari. A Maquira-RONA tem se destacado na luta a favor das artesãs e pescadores, pelo direito de uso dos recursos naturais da região de forma organizada e ambientalmente sustentável.

2 *Diário Oficial* 2 de setembro, Licença de Operação N0 226/03 do IPAAM / Of. N0 1013/2002–DIEF/IBAMA/AM.



Sônia C. Martins tecendo jogo de mesa

A região de Novo Airão

O município de Novo Airão localiza-se na margem direita do Rio Negro situando-se na frente da Estação Ecológica de Anavilhanas – ESEC Anavilhanas. Localiza-se a 180km de Manaus através de uma estrada totalmente asfaltada. Novo Airão está praticamente cercada por Unidades de Conservação: ESEC Anavilhanas, Parque Nacional do Jaú, APA da margem direita do Rio Negro, e Reserva Indígena Waimiri-Atroari. A ESEC Anavilhanas apresenta uma superfície de 350.000 ha e localiza-se na região do baixo Rio Negro a cerca de 40km ao norte de Manaus. Compreende um dos maiores arquipélagos fluviais do mundo, com aproximadamente 400 ilhas, possuindo também, área de terra firme e inúmeros igarapés, paranás e vários canais entre as ilhas.

Conflitos e tensões sociais: a relação com o IBAMA

Cada dia a gente vive um desafio

Maria Erinildes Silva Oliveira

Em setembro do ano de 2000 o marido de uma das artesãs da AANA foi autuado por técnicos do IBAMA por estar carregando feixes de arumã coletados nas ilhas de Anavilhanas. Isso acarretou uma série de reuniões entre o IBAMA e a AANA, esta assessorada pela FVA, para negociar a forma de coleta do arumã. Ambas as partes concordavam com a definição formal de procedimentos de manejo, porém o acordo foi limitado pela compreensão do IBAMA de que em uma Estação Ecológica é ilegal fazer coleta, mesmo com manejo. A AANA foi orientada para realizar as coletas de arumã em igarapés que estão localizados fora da área de abrangência da ESEC-Anavilhanas.

Devido à demanda por matéria-prima, dois meses após essa reunião as artesãs se organizaram para implantar um sistema de manejo piloto em igarapés já conhecidos por elas. Os maridos, tradicionalmente responsáveis pela coleta de arumã, iniciaram o processo de escolha dos arumanzais mais apropriados e a elaboração de critérios de corte das plantas para o manejo.

Após selecionadas as áreas de manejo, a localidade mais próxima e sujeita a impactos, comunidade do Sobrado, foi consultada e se estabeleceu um acordo para a coleta de arumã. Esse acordo tem sido periodicamente renegociado com base na participação da comunidade e das artesãs no desenvolvimento da atividade. Os saberes tradicionais e científicos têm sido aprimorados através de práticas de coleta e monitoramento, além de capacitações, cursos e oficinas. Sempre são trazidas novas questões em cada renovação do acordo.

A atividade de manejo transformou a forma tradicional de coleta. Antes tal atividade era difusa por famílias e realizada concomitante com as atividades de pesca. Agora é executada através de uma forma unificada por intermédio do grupo coletor da Associação, devidamente autorizado pelos Órgãos Ambientais. As coletas agora devem ser

organizadas com antecedência necessitando tanto de um cuidadoso planejamento logístico como de uma reserva de recursos financeiros para custear as expedições. Isso torna a disponibilidade de arumã mais limitada e o preço do produto final mais caro.

A implantação do manejo intensificou a preocupação ambiental já existente no grupo de artesãs, que hoje participam ativamente da discussão e formação de políticas públicas para garantir o acesso dos povos tradicionais aos recursos naturais. Essa participação evidenciou os interesses de empreendimentos voltados para uma economia de mercado. Os atuais patrões, não preocupados com a sustentabilidade social e ambiental da região têm desenvolvido uma ação predatória. As grandes madeireiras, os empreendimentos de pesca comercial e de turismo são exemplos de algumas agências que depredam a Estação Ecológica.

Apesar dos resultados preliminares do manejo do arumã indicarem um baixo impacto sobre os recursos naturais e a atividade de artesanato propiciar uma estabilidade econômica que possibilita uma renda independente da venda da força de trabalho para atividades predatórias, não foi possível ainda às artesãs do arumã estabelecer um diálogo mais aberto com o IBAMA para viabilizar o manejo do arumã na ESEC-Anavilhanas.

Neste contexto cresce a indignação e as artesãs têm perguntado: será que os órgãos oficiais responsáveis pela execução da política ambiental estão estruturados apenas para impedir o acesso dos povos tradicionais aos recursos naturais, enquanto interesses empresariais se beneficiam com a devastação das florestas das áreas protegidas?



Maria Derli raspando talos de Arumã



Antônia, Alberta, Cezarina e Sebastiana destalando talos de Arumã



Suzana Anhape Bezerra tecendo tupé



Crianças na Central de Artesanato da AANA



Uma outra questão colocada durante a oficina: será que os órgãos ambientais não conseguem perceber que os mais interessados na preservação dos recursos naturais são os próprios povos tradicionais, que poderiam ser seus principais aliados na proteção do meio ambiente?

As mulheres do arumã ao reivindicarem o território para o exercício de suas atividades estão lutando para assegurar a conservação dos arumanzais e as formas tradicionais de uso comum.

CONTATOS

Associação dos Artesãos de Novo Airão – AANA

Av. Ajuricaba s/nº Centro
69730-000 Novo Airão AM
telefone 92. 3365-1278

Fundação Vitória Amazônica – FVA

Rua R/S quadra Q casa 7 Morada do Sol Aleixo
69060-080 Manaus AM
telefone 92. 3642-4559 92. 3236-9182
www.fva.org.br



Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (Fundação Ford)

Série: Movimentos Sociais, Identidade Coletiva e Conflitos

- | | |
|---|---|
| 1 Quebradeiras de coco babaçu do Piauí | 7 Quilombolas da ilha de Marajó |
| 2 Quebradeiras de coco babaçu do Mearim | 8 Quilombolas do Maranhão |
| 3 Quebradeiras de coco babaçu do Tocantins | 9 Quilombolas do Baixo Amazonas |
| 4 Quebradeiras de coco babaçu da Baixada Maranhense | 10 Quilombolas atingidos pela Base de Alcântara |
| 5 Quebradeiras de coco babaçu do Pará | 11 Quilombolas do Rio Tocantins |
| 6 Quebradeiras de coco babaçu de Imperatriz | 12 Mulheres do arumã do Baixo Rio Negro |

REALIZAÇÃO



APOIO

